

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Patrícia Nogueira Spinosa

**CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO DE BLOGS E DE TECNOLOGIAS DO EU**

Sorocaba/SP
2005

Patrícia Nogueira Spinosa

**CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO DE BLOGS E DE TECNOLOGIAS DO EU**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares

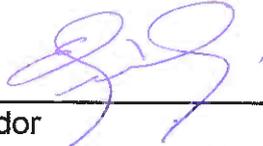
**Sorocaba/SP
2005**

Patrícia Nogueira Spinosa

**Cibercultura e educação escolar:
um estudo de blogs e de tecnologias do eu**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Ass. 
1º Examinador
Prof. Dr. Paulo Celso da Silva - UNISO

Ass.: 
2º Examinador
Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira - UNISO

Sorocaba, 14 de dezembro de 2005

Dedico

- À Profa. Maria Lúcia, GRANDE MESTRA, impregnada de conhecimento, que me pegou pela mão e me disse: "*Filha, você.... eu aceito*".

- Ao meu marido Eduardo, companheiro, amigo e maior incentivador de tudo, inclusive de minhas loucuras (uma delas, o Mestrado).

- Aos meus filhos Vitor e Giovani, pelos momentos que não pude lhes dar atenção.

Agradeço imensamente,

Ao Deus de todo Universo;

Aos meus pais Otelino e Olinda e à minha irmã Cristiane,
pela força;

Aos amigos, por me acompanharem na jornada;

Aos professores do Programa de Mestrado, por revelarem a
mim o conhecimento acadêmico;

Aos professores da banca examinadora: Profa. Dra. Eliete
Jussara Nogueira e Prof. Dr. Paulo Celso da Silva, pela
atenção e confiança;

À Instituição escolar da qual faço parte, pelo crédito e
confiança no meu trabalho;

Aos meus alunos, pela colaboração.

Pela Internet
>> Gilberto Gil

*Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje*

*Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé*

*Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer*

*Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut*

*De Connecticut acessar
O chefe da Macmilicia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão*

*Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da policia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar*

RESUMO

A ligação e o entrelaçamento de computadores situados em lugares geograficamente distantes, através de redes telemáticas, permitiram a manipulação de dados e a troca rápida de informações entre as máquinas e seus usuários. Neste contexto, foi se delineando um novo ambiente de convivências denominado ciberespaço, sendo que é dentro desse espaço incorpóreo que surge a cibercultura, pensada nesta dissertação, no primeiro capítulo, com Santaella, Lemos, Kerckove e Trivinho. Nesse caminho, verificar como sujeitos da era digital, no caso alunos do Ensino Médio do Colégio Apollo/Sorocaba, sujeitos considerados, especialmente pelos professores, como multiplicados, disseminados e descentrados, continuamente interpelados como identidades instáveis, realizam uma prática inclusa na comunicação via redes, através de blogs, constituindo-se assim moralmente e para tanto se utilizando das tecnologias do eu. O segundo capítulo, entende o blog como um diário íntimo escrito dentro de um meio de comunicação – a internet, mas voltado para um público, trabalha com comunidades blogueiras e escritas do segredo. O terceiro capítulo, apanha com Foucault e Larrosa, as tecnologias do eu colocadas como um conjunto de operações narrativas, vivenciadas e constituídas na experiência social dos sujeitos pesquisados, tecnologias que operam como racionalidades pedagógicas deslocadas da escola para o espaço doméstico. A conclusão é alcançada na afirmação que vigiar e punir no governo escolar, vigiar-se e punir-se no governo social, são constructos incluídos no regime de práticas comprometidas com o poder no ciberespaço, na cibercultura e cotidiano do ambiente escolar contemporâneo.

Palavras-chave: Ciberespaço, Cibercultura, Blogs, Educação Escolar, Tecnologias do Eu.

ABSTRACT

The connection and the interlacement of computers located in geographical remote places, through the internet allow the data manipulation and the faster information exchanges among the machines and their users. On this context, a new knowledge environment called cyberspace was being delineated, and inside this bodiless space emerges the cyberculture, thought in the first section of this dissertation with Santaella, Lemos, Kerckove and Trivinho. In this way, verify how individuals from this digital era, in this case high-school students from *Colégio Apollo/Sorocaba*, subjects considered multiplied, disseminated and unfocused specially by teachers and continuously denominated as instable identities, performing a containable action via network through blogs, trying to build themselves morally and when doing so they are using the technologies of the self. The second section understand a blog as an intimate journal written inside a media - the internet – but aimed to a public, work with bloggers communities and writing of secret. The third section take with Foucault and Larrosa the technologies of the self disposed as a set of narrative actions, experienced and constituted based on the social experiences of the researched subjects, technologies that works like pedagogical rationalities dislocated from school to a homey space. The conclusion is reached in the affirmation of discipline and punish in the scholar government, discipline and punish yourself in the social government, are terms included in actions implicated in power in the cyberspace, in the cyberculture and quotidian of contemporaneous scholar environment.

Key-words: cyberspace, cyberculture, blogs, scholar education, technologies of the self.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O CIBERESPAÇO E A CIBERCULTURA	12
2 A CULTURA BLOG	
2.1 Questões introdutórias	22
2.2 Comunidades blogueiras.....	24
2.3 Diário Íntimo: a escrita do segredo.....	25
2.4 Blog como diário íntimo.....	28
3 O ESPÍRITO DA CIBERCULTURA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR	
3.1 Tipologias das escritas do eu.....	33
3.2 Tecnologias do eu.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando na atualidade uma grande revolução nas formas e nos meios de comunicação, onde a união entre os avanços tecnológicos da telecomunicação e da informática propiciaram a criação de um novo componente: a rede telemática. Esta possibilidade de ligação e entrelaçamento de computadores situados em lugares geograficamente distantes, através da utilização de redes telemáticas, permitiu a manipulação de dados e a troca rápida de informações entre as máquinas e conseqüentemente entre seus usuários.

Neste contexto, foi se delineando um novo ambiente de convivências, denominado ciberespaço, no qual relações sociais com características peculiares estão sendo construídas. É dentro desse espaço incorpóreo que surge a cibercultura, cuja natureza é heterogênea, visto os usuários acessarem o sistema de todas as partes do mundo, e dentro dos limites da compatibilidade lingüística, interagirem com pessoas de culturas sobre as quais não haverá, provavelmente, um outro meio direto de conhecimento; sendo uma cultura descentralizada, sua materialização é realizada em estruturas de informação que veiculam signos imateriais feitos de luzes e bytes, signos voláteis, mas recuperáveis a qualquer instante.

Uma das inserções dentro desse espaço é a partir de blogs, diários virtuais que se proliferam na Internet como ferramentas de uma narrativa híbrida – misto de diários, fotografias, poesia, correspondências, crônicas jornalísticas, que representam, simultaneamente, a individualidade e a coletividade. No caso deste

trabalho acadêmico, blogs redigidos por alunos do “Colégio Apollo” (nome fictício), de Sorocaba, analisados em seus aspectos textuais enquanto diários íntimos, entendendo o momento de escrita aquele em que os diaristas se tornam autores de si próprios. E, como a experiência na qual os sujeitos se reconhecem como tal é uma experiência de atribuição de sentido às próprias experiências e às alheias, ao falar de um eu que se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, estamos examinando o modo como as tecnologias da subjetividade (Foucault, 1995) têm operado na constituição de sujeitos.

O exame dos textos dos blogueiros tem o propósito de mostrar que a experiência de si é ensinada aos alunos, como novos membros de uma cultura: ao mesmo tempo em que as vivências na escola permitem construir uma experiência do mundo exterior, elas transmitem e constroem as experiências que os alunos têm de si mesmos como sujeitos – titulares de uma biografia única, interiorizando o soberano que na relação pedagógica é representada na base pelos professores. Para tanto, no primeiro capítulo buscamos a compreensão do ciberespaço e da cibercultura, visto a tecnologia ter se tornado uma força cada vez mais cotidiana, para assim entendermos essa temática contemporânea. No segundo capítulo trabalhamos com a cultura blog, lugar onde a principal distinção é o elogio da subjetividade, privilegiando o fato do ser apenas em relação ao outro, de reconhecer-se no outro a partir do compartilhamento de sentimentos, idéias e atitudes. Em o espírito da cibercultura e a educação escolar, o terceiro capítulo, emerge do conceito das “tecnologias do eu” (Foucault, 1995), nas quais incluem-se as práticas que produzem as experiências que as pessoas têm de si mesmas, a análise dos blogs de alunos do “Colégio Apollo” (nome fictício) / Sorocaba.

Na conclusão encerramos o proposto, afirmando que na escola tem origem um eu inventado, referido a formas de autoconsciência e de autocompreensão e do qual os sujeitos lançam mão para poder viver como membros de uma cultura, fato que se comprova na análise das orquestrações discursivas em diários íntimos na internet como o aqui realizado.

1 O CIBERESPAÇO E A CIBERCULTURA

Santaella (2003) explicita sua compreensão para o que considera “cultura das mídias” como aquela que não se confunde nem com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura digital ou cibercultura de outro, mas como uma cultura intermediária, situada entre ambas. Chama a atenção, também, para o fato de que a cultura digital não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais, processos distintos da lógica massiva e que foram fertilizando o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso. Explicita que para compreender tais passagens, que considera sutis, utiliza uma divisão:

[...] das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora, efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (p. 13)

Explicita, ainda, que as seis eras culturais podem ser chamadas de formações culturais para transmitir a idéia de que não se trata de períodos culturais lineares, mas de um processo cumulativo de complexificação com reajustamentos e refuncionalização constantes. Por exemplo, um tipo de suporte é substituído por outro, como no caso do papiro, ou um aparelho por outro mais eficiente, o caso do telégrafo.

Em cada período, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. No início dos anos 80, começaram a se intensificar casamentos e misturas entre linguagens e meios, misturas essas que funcionam como um multiplicador de mídias produzindo mensagens híbridas, ao mesmo tempo que surgem equipamentos e dispositivos que possibilitaram o aparecimento de uma cultura do disponível e do transitório: fotocopiadoras, videocassetes, walkmans, videoclips, videogames, filmes em vídeo, culminando com a TV a cabo. Voltando à Santaella (2003, p. 16):

Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circularem neles têm como principal característica propiciar a escolha e consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação.

Cultura das massas, cultura das mídias e cultura digital convivem hoje mas com diferenças acentuadas: na última está ocorrendo a convergência das mídias, fenômeno diferente da convivência das mídias típica da cultura das mídias. Na coexistência das três está o nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias, tornando-se uma das marcas da cultura digital.

Com o desenvolvimento das tecnologias da informática, especialmente a partir da convergência do computador e das telecomunicações, as sociedades foram armazenando, recuperando e disponibilizando informações em diferentes formas para quaisquer lugares, sendo que informações não são quantidades conservadas:

Se eu lhe dou informação, você a tem e eu também. Passa-se aí da posse para o acesso... É por essa razão que a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso. (SANTAELLA, 2003, p. 19)

Cultura do acesso, cultura digital quanto cibercultura são nomes atribuídos ao fato de estarmos vivendo o alvorecer de novas formações socioculturais, não podendo esquecermo-nos que vivemos um período de sincronização de todas as linguagens e de quase todas as mídias que já foram inventadas pelo ser humano. Santaella (2003, p. 78) afirma que:

A cultura oral continua existindo, a escrita também, a imprensa nem se fale. Continuamos a conviver em grupos de discussão presenciais, as formas antigas de escrita ainda alimentam o imaginário dos artistas e *designers*, continuamos a freqüentar salas de concerto e a visitar museus, os circos ainda se instalam nos arredores das grandes e pequenas cidades, as camadas populares continuam a tomar conta das praças públicas.

Com a introdução dos microcomputadores pessoais, que nos anos 80 penetraram no mercado doméstico, os usuários foram “aprendendo a falar com as telas” e tornando-se produtores, montadores, criadores, compositores, apresentadores, difusores de seus próprios produtos numa mistura de áudio, vídeo e dados chamada multimídia. Esta se refere ao tratamento digital de todas as informações – som, imagem, texto e programas informáticos com a mesma linguagem universal, visto que antes da digitalização os suportes eram incompatíveis: papel para o texto, película química para a fotografia ou filme, fita magnética para o som ou vídeos. Retomando Santaella:

Atualmente, a transmissão da informação digital é independente do meio de transporte (fio do telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabo). Sua qualidade permanece perfeita, diferentemente do sinal analógico que se degrada mais facilmente; além disso, sua estocagem é menos onerosa. Por isso mesmo, um dos aspectos mais significativos da evolução digital foi o rápido desenvolvimento da multimídia que produziu a convergência de vários campos midiáticos tradicionais. Foram assim fundidas, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). É esse processo que tem sido referido pela expressão "convergência das mídias". (SANTAELLA, 2003, p. 84)

Na medida em que novas mídias penetram em nossas vidas, elas mudam nossos modos de pensar, nossa percepção da realidade, nosso modo de viver. Na contemporaneidade, a velocidade digital traz a não linearidade, isto é, qualquer coisa armazenada em forma digital pode ser acessada em qualquer tempo e em qualquer ordem: a não-linearidade torna-se uma propriedade do mundo digital. Nele não há começo, meio ou fim. Acessar qualquer ponto, saltar para outro, sejam esses pontos páginas de um processador de texto, informações em recursos de arquivamento, ou mundos digitais localizados em qualquer lugar do universo ligado na internet, leva-nos para o que é designado como ciberespaço.

Muitas são as descrições e definições que o ciberespaço tem recebido. Enquanto a Internet é descrita em termos técnicos, o ciberespaço recebe várias denominações. Santaella (2003, p. 100-02) apresenta uma amostragem das diversas imagens que diferentes autores oferecem, transcritas longamente a seguir, mas de importância fundamental para entendimento do que chama de alucinação consensual:

Para Heim (1993:80) ciberespaço é uma dimensão computadorizada na qual fazemos a informação se movimentar, buscando nosso caminho em meio aos dados. Habitamos o ciberespaço quando sentimos que estamos nos movendo através da interface em um mundo relativamente independente com suas próprias dimensões e regras. Quanto mais nos habituamos a uma interface, mais estamos vivendo no ciberespaço. Por se ajustar à nossa mente, essa tecnologia é a mais difícil de ser pensada. Nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade. Por isso podemos deixar de notá-la com a mesma facilidade com que nos desapercibemos dos óculos diante dos olhos e, mais ainda, de uma lente de contato na córnea.

[...] Em sua notável ampliação do conceito, Milthorp (1996:129,139) declara que seu uso do termo "ciberespaço" refere-se a uma margem de atualidades e possibilidades tecnológicas, das aplicações da RV *high tech* e caixas automáticas nos bancos ao sexo por telefone. O autor diz reconhecer o processo de transformação da experiência analógica para a organização da informação digitalizada. Mais do que isso, no entanto, ele trabalha com um conceito de imaginação, uma fantasia abstrata, eletrizante, que se tomou parte da realidade cultural contemporânea. As relações entre a fantasia e a experiência, expectativas e satisfações, ciência e nossos mitos culturais, são aspectos inextricáveis de sua noção de ciberespaço. "O ciberespaço pode ser o mais novo *site* institucional", completa o autor, mas "ele parece oferecer um espaço anárquico no qual várias espécies de hierarquias podem existir e no qual o poder é descentrado. O ciberespaço pode, de fato, refletir a capacidade crescente da nossa cultura de acomodar atividades aberrantes sem desestabilizar a estrutura existente".

No tom visionário que lhe é peculiar, Rosnay (1997:203) afirma que: Homens-neurônios, superestradas eletrônicas, computadores e magamemórias criam o ciberespaço, novo meio ambiente eletrônico do pensamento eletrônico do cibionte. O ciberespaço encarna o mundo virtual que surge das informações trocadas pelos homens nas redes de comunicação. Permite a representação dos meios ambientes hipertextuais e audiovisuais infinitos, coevoluindo com a frequência e a densidade das trocas. O mundo da Internet é o ciberespaço. Cria as condições de uma nova cidadania eletrônica. Uma nova forma de relação entre os homens, oportunidades culturais, comerciais ou de pesquisa, uma nova forma de competição.

Por fim, no seu papel de um dos mais ativos arautos do ciberespaço, Lévy (1998:104-105) desenha para nós uma paisagem poética:

No silêncio do pensamento, já percorremos hoje as avenidas informacionais do ciberespaço, habitamos as imponderáveis casas digitais, difundidas por toda parte, que já constituem as subjetividades dos indivíduos e dos grupos. [...] O ciberespaço: nômade urbanístico, pontes e calçadas líquidas do Espaço do saber. Ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto. É uma arquitetura do interior, um sistema inacabado de equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos de signos. A administração do ciberespaço, o meio de comunicação e de pensamento dos grupos humanos, será uma das principais áreas de atuação estética e política do século XXI. [...] O ciberespaço designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados. [...] Constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes. Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação. (SANTAELLA, 2003, p. 100-02)

Já, Lemos (2002, p. 137) entende o ciberespaço à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (RV), e como o conjunto de redes de computadores, interligados ou não em todo o planeta, a internet. Lemos (2002) lembra muito oportunamente que essas duas concepções deverão se combinar, pois, além de interligadas entre si, as redes permitirão a interação por mundos virtuais em três dimensões.

É dentro desse espaço incorpóreo que surgiu aquilo que vem sendo chamado de cibercultura, cuja natureza é essencialmente heterogênea, visto os usuários acessarem o sistema de todas as partes do mundo, e dentro dos limites da compatibilidade lingüística, interagirem com pessoas de culturas sobre as quais não haverá, provavelmente, um outro meio direto de conhecimento. Sendo uma cultura descentralizada, sua materialização é realizada em estruturas de informação que veiculam signos imateriais feitos de luzes e bytes, signos voláteis, mas recuperáveis a qualquer instante.

Lemos (2004, p. 178) explica que a cibercultura nasce pela apropriação tecnológica:

Como afirma Castells, a cibercultura, ou a sociedade informacional, é fruto da sinergia da Big Science, dos militares e do underground. A cibercultura é, diferentemente da atmosfera eletromecânica do começo do século XX, favorável a novas formas de apropriação social dos objetos tecnológicos. O cotidiano é o terreno onde se desenha uma maneira, senão inteiramente nova, ao menos inusitada, de relação entre os homens e a tecnologia: a atitude cyberpunk (raiz da cibercultura) é expressão desta batalha contraditória entre os homens e seus artefatos.

Ainda, de acordo com Lemos (2004), vivemos no coração da sociedade pós-industrial, associando assepsia científica e tecnológica ao caos urbano e ao lado

dionísico da socialidade contemporânea. Assim sendo, o imaginário tecnológico da cibercultura parece estar em ruptura com os paradigmas que legitimaram o imaginário da modernidade.

Para Lefebvre (1991), a vida social caracteriza-se por um conjunto de instâncias diferentes, em que os poderes constituídos como a Igreja, o Estado, a família e o exército sempre tentaram combater elementos residuais que causam resistência ao sistema homogeneizante. Lemos (2004) utiliza-se dessa perspectiva de análise para dizer que a cibercultura foi criada por uma espécie de resistência ao poder da tecnocracia, tratando-se mesmo de uma diferenciação em relação à utilização da tecnocracia.

Usando a terminologia de Lefebvre (1991), a grande figura da modernidade foi o cybernathrope, que não é um robô, mas o humano robotizado, um tecnocrata preso a uma fascinação cega pela tecnologia e a sua correlata racionalidade instrumental; não é o autômato, mas o homem automatizado que, cego, só vê o mundo pelo prisma autocentrado da sua razão onipotente; quer o controle, a estabilidade; é asséptico, austero, objetivo, racional; ignora o desejo e o dionísico. Ihe é estranho; têm uma missão histórica.

O cybernathrope é, então, o oposto da figura mais emblemática da cibercultura, o cyberpunk, que parece mais preso a uma certa magia da informática do que à rigidez racionalista, “mais dionísico do que apolíneo”, tornando as tecnologias ferramentas de prazer, de comunicação e de conhecimento, navegando no presente mais urgente.

Voltando com Lefebvre (1991, p. 197):

Ele deverá perpetuamente inventar, se inventar, se reinventar, queimar as pistas e os mapas do cyberanthrope, decepcioná-lo e surpreende-lo. Para vencer, e mesmo para engajar-se na batalha, ele só pode valorizar suas imperfeições: desequilíbrios, problemas, esquecimentos, lacunas, excesso, desejos, paixão, ironia... [...]

Kerckhove (1997, p. 176) diz que a cibercultura é o resultado da multiplicação da massa pela velocidade:

Enquanto a televisão e o rádio nos trazem notícias informação em massa de todo o mundo, as tecnologias sondadoras, como o telefone ou as redes de computadores, permitem-nos ir instantaneamente a qualquer ponto e interagir com esse ponto. Essa é a qualidade da profundidade, a possibilidade de ter um efeito demonstrável sobre ele através das nossas extensões eletrônicas. [...] Já não nos contentamos com superfícies. Estamos mesmo tentando penetrar o impenetrável: a tela do vídeo. [...] Expressão literal da cibercultura é a florescente indústria de máquinas de realidade virtual que nos permitem entrar na tela do vídeo e do computador e sondar a interminável profundidade da criatividade humana na ciência, arte e tecnologia.

Para Trivinho (2003, p. 61) cibercultura nomeia a macro-configuração da época que, manifesta desde (pelo menos) as três últimas décadas, implica e articula tanto o arranjo societário ao nível da infra-estrutura tecnológica, quanto à atmosfera simbólica, imaginária e comportamental correspondente à fase da história do capitalismo organizado e permanentemente modulado a partir do, com base no e através do processo extensivo e irreversível de informatização das práticas e relações socioculturais, de virtualização dos objetos e corpos e de ciberespacialização do território, em escala local, nacional e mundialmente.

No espectro de significação conferido pela definição de Trivinho (2003) fica subtraída a concepção que reduz o conceito de cibercultura aos eventos, processos,

relações, comportamentos e demais fatores observados na interioridade do que ele prefere chamar de *cyberspace*:

Cibercultura não é um fenômeno constatado apenas em certa fatia específica do mundo – a rede, as zonas urbanas desenvolvidas, os espaços privados tecnologicamente qualificados, etc. - ; é, antes, a forma de organização integral desse mundo, sua estrutura de fundo e, ao mesmo tempo, sua marca exponencial, expressa em tudo o que vem à luz, e que dita as tendências (do mundo) em todos os rincões; é, enfim por antecipação, a presente história do futuro (TRIVINHO, 2003, p. 62).

As práticas comunicacionais da cibercultura são inúmeras e algumas inéditas. Dentre elas podemos elencar a utilização do e-mail que revolucionou a prática de correspondências; os chats com suas diversas salas onde a conversa se dá sem oralidade e presença física; os muds, jogos onde usuários criam mundos e os compartilham com outros usuários espalhados pelo mundo em tempo real; as lans houses, jogos eletrônicos em redes domésticas; as listas de discussão livres e temáticas; os weblogs, novo fenômeno de apresentação do eu na vida cotidiana, onde são criados diários pessoais ou novas formas jornalísticas. Todas essas práticas serão prenes de conseqüências para as novas formas de relação social, bem como para as novas modalidades de comércio, entretenimento, trabalho, educação, etc. A conexão generalizada traz uma nova configuração comunicacional onde o fator principal é a inédita de liberação do pólo da emissão depois de séculos dominado pelo exercido controle sobre essa emissão pelos *mass media*.

Lemos (2003) afirma, reportando-se a Nietzsche, em *Origem da Tragédia*, que de instrumento apolíneo, os computadores conectados tornaram-se máquinas de comunicação dionísica. Nessa medida, verificar como sujeitos da era digital, no

caso alunos do Ensino Médio, do Colégio Apollo/Sorocaba, considerados, especialmente pelos professores como sujeitos multiplicados, disseminados e descentrados, continuamente interpelados como identidades instáveis, realizam uma prática inclusa na comunicação via redes, através de blogs, para tanto se utilizando das tecnologias do eu, construindo-se assim moralmente, um conjunto de operações narrativas vivenciadas e constituídas na experiência social dos sujeitos.

2 A CULTURA BLOG

2.1 Questões introdutórias

Em tempos de euforia com relação ao mundo virtual, uma das inserções no universo da cibercultura foi a partir dos weblogs, também chamados de blogs, ou seja, diários virtuais que se proliferam na Internet como ferramentas de uma narrativa híbrida – misto de diários, fotografias, poesia, correspondências, crônicas jornalísticas, que representam, simultaneamente, a individualidade e a coletividade, dimensões presentes no imaginário da sociedade contemporânea. Essa nova tecnologia apresentou-se como uma nova forma de comunicação, cuja principal distinção é o elogio da subjetividade, privilegiando a ética da estética, ou seja, de ser apenas em relação ao outro, de reconhecer-se no outro a partir do compartilhamento de sentimentos, idéias e atitudes.

No surgimento dos blogs, salienta-se o fato de que tais suportes facilitaram a entrada e a circulação de um amplo conjunto de indivíduos – muitos sem o domínio de técnica, no espaço virtual, contribuindo para a socialidade em rede, a cibercultura.

O termo blog é um jargão derivado da união das palavras inglesas web (rede) e log (diário de bordo onde os navegadores registram acontecimentos das viagens, principalmente os ligados ao clima). No caso do blog, portanto, trata-se de uma abreviatura de weblog, na qual web representa a própria internet, e log caracteriza os registros que o usuário realiza no blog – o blogger (blogueiro).

Sob o ângulo de sua funcionalidade, o blog se diferencia de todas as outras formas de relacionamento virtual (e-mail, chats, listas de discussão, etc) pela dinamicidade e interação possibilitadas pela facilidade de acesso e atualização. Os textos são publicados em blocos e organizados cronologicamente. Devido a essas características básicas, o blog parece trazer vida à Web, a ponto de muitos analistas e usuários pensarem o blog como o futuro da publicação de escritas pessoais. Há aqueles que conceituam o blog como um laboratório de escritas criativas, cujo principal objetivo é oferecer à comunidade de escritores e leitores um local virtual onde possam se encontrar e interagir, trocando experiências, motivações, idéias e informações sobre temas de mútuo interesse, verdadeira incubadora de comunidades de internautas com interesses comuns.

A maioria dos blogs conta hoje com duas ferramentas: a primeira delas é a ferramenta de comentários, que permite que os internautas possam deixar observações e comentários sobre os posts, pequenos fragmentos, opiniões, comentários, publicados pelo autor do blog. A segunda é a ferramenta trackback, que permite que outros posts, em outros blogs, que fizeram referência a um texto sejam linkados junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros blogs. São exatamente essas ferramentas que fazem do blog um sistema que traz uma organização diferenciada para a web, um espaço de comunicação entre os interagentes, proporcionando a discussão e o diálogo.

2.2 Comunidades blogueiras

Nos tempos atuais, afirma Castells (1999) onde sociedades encontram-se cada vez mais fragmentadas devido às identidades mais específicas e difíceis de compartilhar, é significativo o esforço por manter uma rede de comunicação que aproxime as individualidades para a construção de identidades coletivas:

[...] a comunicação simbólica entre os seres humanos e o relacionamento entre esses e a natureza, com base na produção (e seu complemento, o consumo) experiências e poder, cristalizam-se ao longo da história em territórios específicos, e assim geram culturas e identidades coletivas. (p. 33)

Em outras palavras, o que Castells (1999) descreve são sociedades nas quais o desencaixe, conforme conceituado por Giddens (1991), das identidades mais individualizadas que coletivas pede um esforço de reaproximação que pode ser atingido através de uma rede de comunicação. Nesse sentido, tais individualidades são reunidas gerando coletividades, sendo a formação de comunidades um exemplo.

Com a falência dos discursos modernos, que prometiam um mundo redentor, aliada à velocidade das inovações técnicas, o homem contemporâneo procura relacionar a sua vida preceitos presenteísticos porque parecem ser mais condizentes com o estilo de vida atual, o qual agrega o racional, o irracional, o não racional, o lógico, o não-lógico e o ilógico. Vivemos em uma época de fermentação: culto ao hedonismo, valorização do doméstico, barroquização da existência, vínculo comunitário, imersão no universo das redes tecnológicas de comunicação, prevalência da estética, resgate dos valores dionísicos, lúdicos, oníricos, momento

em que o “estar-junto” encontra um novo modo onde o laço social passa a ser o emocional. “Não é mais a autonomia – eu sou a minha lei – que prevalece, mas a heteronomia: minha lei é o outro” (MAFFESOLI, 2001, p. 25).

Ao analisar a contemporaneidade, Maffesoli (1995) define-a como uma mistura orgânica de elementos arcaicos e de outros mais contemporâneos, que inaugura uma forma de solidariedade social elaborada a partir de um processo complexo feito de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões. Assim, “assiste-se ao nascimento de uma verdadeira subjetividade de massas, que repousa sobre o contágio afetivo, sobre a partilha de sentimentos e sobre a participação nas emoções comuns” (MAFFESOLI, 1995, p. 147).

2.3 Diário íntimo: a escrita do segredo

Historicamente os diários eram escritos para não serem lidos. Alguns diários, entretanto, foram escritos com a decisão de seus autores de que em algum momento eles viessem a ser publicados, como o de Anne Frank. Outros são autobiográficos como os de Simone de Beauvoir e de Jean-Paul Sartre. Outros, sob a forma de romance, como o livro *Notas do Subterrâneo*, de Dostoievsky, podem ser usados para explicar como se faz um laboratório de um diário íntimo.

O Diário de Anne Frank, publicado originalmente em 1947, é um exemplo famoso de diário pessoal e público, conforme o prefácio do editor à última edição em português (1988), que descreve o processo de escrita e impressão do diário:

Anne Frank, a princípio escrevera estritamente para si mesma. Até que, num dia de 1944, Gerrit Bolkstein, membro do governo holandês no exílio, anunciou numa transmissão radiofônica que depois da guerra esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do povo holandês sob a ocupação alemã, e que pudessem ser postos à disposição do público. Como exemplo, mencionou especificamente cartas e diários. Impressionada com aquele discurso, Anne Frank decidiu que, quando a guerra terminasse, publicaria um livro baseado em seu diário. Então começou a reescrever e organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava suficientemente interessantes e acrescentando outras de memória. (FRANK, 1988, p. 5-6).

A última anotação do diário de Anne Frank data de 1º de agosto de 1944. Em 4 de agosto, as oito pessoas escondidas num sótão foram presas e duas secretárias que trabalhavam num prédio, encontraram os diários espalhados no chão, guardando-o numa gaveta. Depois da guerra, quando ficou claro que Anne estava morta, o diário foi entregue a Otto Frank, pai de Anne, que o publicou; momento claro da extinção da tensão público x privado existente em grande parte da história do diarismo privado.

Já Simone de Beauvoir escrevia diários desde os 17 anos, que vão se tornando mais freqüentes nos períodos mais dolorosos de sua vida. A autobiografia “*Mémoires d’une jeune fille rangée*”, baseada no diário da juventude e “*La force d’âge*”, com base num período mais maduro da vida de Beauvoir, ambos centrados em fatos de sua própria vida, misturam lembranças sobre a paisagem intelectual do seu tempo e o período de ocupação e liberação de Paris. Schittine (2004) traduz de “*La force des choses*”, um trecho, transcrição inteira de um diário, escrito por Beauvoir, quando da invasão da Polônia pela Alemanha:

10 horas da manhã. Um jornal expõe as reivindicações de guerra de Hitler. Nenhum comentário; não se sublinha o caráter inquietante das notícias, não se fala também de esperança. Eu vou para perto do Dome sem obras, incerta. Pouca gente. Eu apenas pedi um café e logo um garçom anuncia: "Eles declararam guerra à Polônia". É um cliente no interior do café, que tem o Paris-Midi. (...) Eu reencontro Sartre, eu o acompanho à Passy... Eu não penso em nada. Estou estupefata (SCHITTINE, 2004, p. 170).

Em "As Palavras" (2000), Sartre relata sua infância passada numa parte em Meudon e outra em Paris, dividido entre um pai ausente e um avô superprotetor. Essa obra na qual declara seu amor pelas palavras, descreveu as horas que passou debruçado sobre os livros na biblioteca do seu avô, quando nem sequer entendia as palavras que estava lendo:

Deitado sobre o tapete, empreendi áridas viagens através de Fontenelle, Aristófares, Rabelais: as frases resistiam-me à maneira das coisas; cumpria observa-las, rodeá-las, fingir que me afastava e retornar subitamente a elas de modo a surpreende-las desprevenidas: na maioria das vezes, guardavam o seu segredo. (p. 26).

No romance "Notas do subterrâneo" (2003), Dostoievski, faz uma análise de como se escreve um diário íntimo e dos sentimentos de quem o escreve. Durante 40 anos, um homem vive no submundo de São Petersburgo, num pequeno apartamento, com seu velho criado que ele acredita que não o respeita. Cansado e amargo, a ponto de sofrer do fígado, resolve escrever as memórias de sua vida na forma de um diário; vida não cheia de glórias, mas que tem seus segredos. O narrador oscila entre a grandeza e a miséria, a coragem e a covardia, a lucidez e o delírio, revelando paradoxos de nossa própria existência. É como se o autor quisesse, mas não pudesse, dizer todas aquelas coisas, e tivesse encontrado saída através da ficção e de uma personagem. As fronteiras entre autor/narrador e leitor se tornam tênue porque as angústias, depreciações, humilhações e contradições,

mesmo tendo acontecido numa São Petersburgo do século XIX e sendo fruto da imaginação do escritor, acompanham o leitor contemporâneo. O ácido narrador faz reflexões que têm valor universal, muitas vezes impedida de relato, devido à necessidade de guardar segredo. Schittine (2004, p. 75-76) elucida que Dostoievski impressiona pela análise da questão do mistério e do segredo através da sua personagem:

Os motivos para se guardar um segredo são os mais variados possíveis: o tabu, a vontade própria ou ainda uma conveniente de memória para os assuntos que são mais dolorosos de lembrar e que, por isso, ficam guardados num lugar aparentemente inacessível no cérebro. O segredo é aquilo que não pode ser revelado, o que há de mais recôndito na pessoa humana é o sigilo, o silêncio, a discrição, mas pode ser também a confiança, a confissão. Quando se quer realmente esconder um segredo, perde-se a coragem de contá-lo até para si mesmo.

2.4 Blog como diário íntimo

O diário íntimo, escrito dentro de um meio de comunicação – a internet, e voltado para um público, continua a ser uma maneira de “escrita do eu”. “O novo diário íntimo, o blog, gera um relacionamento em via dupla entre um autor disposto a contar sua vida íntima a um público desconhecido ou não e um público que se propõe a ler sobre ela e a comentá-la”, explicita Schittine (2004, p.16), completando:

Os indivíduos se interessam pela vida de gente anônima como eles, e esse fenômeno é observável não só no caso específico do diário íntimo na internet como em outras mídias; as webcams e os programas no estilo Big Brother são um exemplo disso. O público se vê curioso por vasculhar a vida do outro, sem que esse outro seja necessariamente alguém famoso. É o sucesso dos anônimos.

Várias questões estão envolvidas num blog, enquanto diário íntimo: o tempo, que é observado diariamente, é um tempo comprimido que acompanha o dia-a-dia a

cada momento; o arquivo que gera a memória de si mesmo e dos atos pretéritos, a releitura que permite que o diarista compreenda mais sobre si mesmo; o desdobramento da vida cotidiana no plano da escrita, uma nova maneira de vê-la, a ponto de misturá-la com a ficção e fazer de si mesmo um personagem; a vida privada do autor que é observada e comentada por estranhos, e tudo isso com o consentimento do próprio diarista.

Schittine (2004), ao discutir os limites entre o espaço público e o privado, mostra que a tendência de exposição da vida privada, que se observa atualmente na mídia, é fruto de uma série de fatores históricos, como a formação da individualidade, o afastamento do indivíduo da vida social e a sua posterior necessidade de se reintegrar nessa vida, nem que seja de maneira virtual.

Para entendermos a formação desse individualismo é fundamental observar o conceito de declínio do homem público desenvolvido por Sennet (2001), que mostra como o indivíduo começa a se fechar cada vez mais em si mesmo, resistindo a todas as investidas de fora para misturar o espaço público ao privado. As paredes de vidro, os lofts, as mesas conjugadas no local de trabalho e o telefone que é preciso dividir com o colega ao lado, tudo é motivo para se sentir roubado de seu próprio espaço. Em represália, esse indivíduo cria um espaço próprio dentro do seu computador pessoal, no qual pode desenvolver relações com outras pessoas, fora da vida real, ou dedicar mais tempo a falar de si mesmo.

O uso do computador em casa e no trabalho faz com que o indivíduo se feche para o mundo que o cerca, em que as pessoas são conhecidas e as relações são

reais, para se abrir num segundo plano, o virtual, onde a comunicação é entre pessoas reais, mas distantes fisicamente. Aí está o paradoxo de um diário íntimo na internet: enquanto o diário íntimo escrito em papel é secreto, não sendo permitida a entrada de estranhos, o diário íntimo na internet vai ser visitado por um público formado por estranhos ou não.

A presença desse público determina uma nova escrita para o diário íntimo, mais rápida, informal e direta que no diário por escrito, bem como mais reflexiva antes de ganhar a forma de um texto. Por conta disso, o diarista virtual ganha em informalidade, mas perde a espontaneidade que teria se tivesse escrevendo no papel. Essas mudanças, que parecem objetivar o diário íntimo, são na verdade as marcas de uma nova maneira de escrever sobre si próprio, mas ao mesmo tempo comunicando ao outro, daí resultando o gênero de blog que ele fará.

É importante salientarmos que muitos textos íntimos possam ser considerados documentos que fazem parte da memória de um determinado conhecimento, mas só o blog possui um caráter jornalístico porque permite ao escritor divulgar uma notícia em tempo real. Essa rapidez reforça o ponto de vista factual. Um bom exemplo é a função dos blogs como fonte de notícias. Durante os primeiros momentos dos bombardeios norte-americanos sobre a cidade de Bagdá (20 de março de 2003), no Iraque, Salam Pax, redige o “Blog de Bagdá”, revelando o dia-a-dia daquele povo invadido. Por exemplo, em 21 de março: “A noite passada foi muito quieta em Bagdá. Hoje pela manhã, saí para comprar pão e outros comestíveis. (...) Apenas as padarias abrem, além de algumas mercearias, que cobram quatro vezes o preço normal”. (A ANNE..., 2003, p. E9)

Já no sábado, 22 de março de 2003, às 04h30min PM (3º dia) escreve:

"Há meia hora, as trincheiras de petróleo foram incendiadas. Primeiro ouvi na al-Jazeera que esses foram os locais atingidos por bombas de um ataque aéreo corrido cinco minutos antes, mas, quando subi ao telhado para dar uma olhada, vi que havia uma quantidade muito grande de focos de fumaça – ouvimos apenas três explosões. Tirei fotos do mais próximo".
(...) Hoje tivemos um bom número de ataques durante o dia – alguns sem as sirenes de alerta contra bombardeios. Eles provavelmente desistiram de tentar chegar a tempo às sirenes. Noite passada, depois de ondas e mais ondas de ataques, eles acionavam a sirene de fim do perigo apenas para acionar novamente a de ataque aéreo 30 minutos depois.
As imagens que vimos na TV ontem à noite (não na iraquiana, e sim na Jazeera/BBC/Arabiya) foram terríveis. A cidade inteira parecia estar em chamas. A única coisa que pude pensar foi "Por que isso precisa acontecer a Bagdá?". Quase chorei quando um dos edifícios que adoro foi-se numa grande explosão. (...) (A ANNE..., 2003, p. E9)

O "Blog de Bagdá" tornou-se famoso por ser um local de resistência, sendo citado, inclusive por noticiários de televisões americanas por descrever o próprio estado de ânimo, da família e dos amigos diante da guerra, bem como as preocupações com as movimentações do conflito. Da mesma forma que os blogs se prestaram a testemunhar eles também exerceram, na guerra Estados Unidos X Iraque, outras importantes funções. Soldados americanos puderam se comunicar com seus familiares através de blogs criados especificamente para esse fim.

Guardadas as devidas proporções, seus escritos realmente podem ser comparados aos da menina judia que, escondida dos nazistas com a família num cubículo durante a Segunda Guerra Mundial, deixou um diário em que narra o dia-a-dia de todos que comove pela simplicidade e pungência.

Diferentemente de Anne Frank, porém, que morreu antes de ver a guerra acabar, Salam Pax virou em vida um ídolo pop – e isso talvez diga mais sobre a diferença entre as épocas do que propriamente entre os dois diários.

Não revelando quem é ou seu nome, mas há alguns meses vem escrevendo uma coluna para o diário britânico “The Guardian”. No dia 10 de novembro de 2003, anuncia que seu blog virou uma photolog e que o filme que fez quando saiu pelas ruas de Bagdá, registrando o que via, iria ao ar naquele dia, pela BBC2.

3 O ESPÍRITO DA CIBERCULTURA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

3.1 Tipologias das escritas do eu

Como já referido anteriormente, com o desenvolvimento e popularização das redes telemáticas e dos computadores domésticos, os processos comunicativos foram sendo gradativamente afetados e reconfigurados, criando condições para o estabelecimento de novas formas de sociabilidade emergentes. Entre essas formas, o blog, enquanto diário íntimo, torna possível a chance de apanhar como em estado puro a representação que os homens fazem de si mesmos, de seu eu e de suas inquietudes.

O fato de se estar diante de uma folha de papel ou de uma tela de computador supõe sempre a possibilidade de um público. Com a Internet, sem a necessidade do envolvimento pessoal das relações face a face, o blog surge como uma nova forma de escrita em que a qualificação “íntimo” não se aplica mais em seu sentido original. No ambiente virtual, o diário íntimo sai da gaveta, do caderno fechado a chave, do antigo baú, para se abrir para um leitor que aparecerá do outro lado da tela.

Cada um escreve seu blog da maneira como deseja, vindo daí sua classificação: diário íntimo se é muito confessional; se é notícia, pode ser comparado a uma reportagem; se é um comentário sobre ações cotidianas é considerado como uma crônica. No entanto, essas categorias não são estanques porque se contaminam misturando vidas íntimas, seus sonhos, sua própria história,

dando à escrita do blog o feitiço de uma escrita pessoal, um falar de si mesmo, um híbrido de vários estilos.

Uma tipologia das “escritas do eu” permite mostrar que, mesmo não sendo da mesma natureza, o blog traz um pouco de cada um deles em si:

- O **diário íntimo**, é um escrito redigido de maneira livre e que não se propõe a um relato retrospectivo. Mas o blog tem a possibilidade de mudanças, sendo possível escrever um post, comentário sobre um determinado dia para ele voltar, dias depois, para reescrevê-lo, sem deixar traços que se mexeu nele;

- As **memórias** têm como autor e narrador a mesma pessoa e funcionam como um relato das obras da história e da sociedade. Blogueiros têm dificuldade em participar de grandes eventos da história, mas como, na guerra do Iraque ou no atentado aos Estados Unidos em 11 de setembro, foi possível contar um fato histórico do ponto de vista pessoal;

- No **ensaio**, o autor convida o leitor a participar de suas reflexões sem preocupação com a cronologia. No caso do blogueiro, tendo que se atualizar constantemente e limitado por um tamanho e um ritmo de texto, fica impedido de reflexões profundas, aquelas exigidas pelo ensaio;

- O **romance autobiográfico**, uma mistura entre a realidade e a ficção, tem possibilidades maiores no blog, dado o autor poder misturar a própria vida a uma idéia de romance;

- **Autoficção**, um meio caminho entre a realidade e a ficção, contaminado pelas duas. Um híbrido entre o relato verdadeiro e o relato mentiroso, numa maneira de fugir da sinceridade impossível, ao mesmo tempo mostrando que o romance é mais verdadeiro que as memórias;

- **Autobiografia**, uma escrita (graphein) de vida (bios) e por si mesmo (autor). Alguns criticam os blogs que falam de si mesmo o tempo todo por considerá-lo, de certa forma narcisista, um “umbigo virtual”.

3.2 Tecnologias do eu

A modernidade criou o imaginário da técnica infalível e positiva, apontando para o futuro, reforçado pela ação de um sistema institucional baseado em um conjunto de práticas, como a pedagogia, e de um sistema de apoio, a escola, com seus professores, alunos, salas de aula, livros, bibliotecas, grupos, etc. Já a cibercultura está ancorada no presente, encantada com a tecnologia das máquinas contemporâneas onde um sujeito que se autovigia, que se auto-avalia e que se narra ou se confessa é, certamente, uma novidade no cenário. Este sujeito capaz de um auto-escrutínio, vai escrever um diário íntimo, logo privado, numa página da web, logo pública. Vai redigir um escrito íntimo exposto, sem as defesas e reservas típicas de um diário íntimo, que possui um interlocutor e que na questão da linguagem mistura a formalidade do texto escrito com a linguagem coloquial do texto oral – com os cortes de palavras, e o uso de sinais e símbolos que a Internet permite. Tal

sujeito, é constituído em atos narrativos de fala e escrita, entendidos, por Rose (1996, p. 175), como

Um complexo de narrativas sobre o eu que nossa cultura toma disponível e que os indivíduos utilizam para relatar os eventos de suas vidas, para atribuir a si mesmos uma identidade no interior de uma história particular e para dar significado à sua conduta e a dos outros.

O trabalho de Foucault (1995) sobre as técnicas disciplinares – operações de vigilância, as microssanções e o exame, e que necessitam de grandes funções disciplinares para se efetivar – estratégias de utilização do tempo, do espaço e do corpo, sofre um acréscimo quando ele mostra que o sujeito moderno também deve falar e introduz, nesse momento, o conceito das tecnologias do eu (1995). Das tecnologias do eu fazem parte aquelas práticas nas quais se produz ou se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas. Nelas, não importa que se aprenda “algo” – conhecimentos determinados – mas que se elabore ou reelabore alguma forma de relação reflexiva do educando consigo mesmo. Nesse caso, o aparato pedagógico, através de suas estratégias e táticas de poder, não tem no corpo o seu alvo preferencial, como ocorre com as técnicas disciplinares.

As práticas que constituem as tecnologias do eu ou as experiências de si – na relação pedagógica – funcionam pela interiorização do soberano, no caso a professora ou o professor, a diretora ou outro sujeito da instituição escolar, por parte do sujeito da educação. Estas técnicas incluem técnicas ou mecanismos de autovigilância, de auto-avaliação, de auto-narração (de confissão), que têm como efeitos a construção e a transformação da consciência de si. Portanto, as

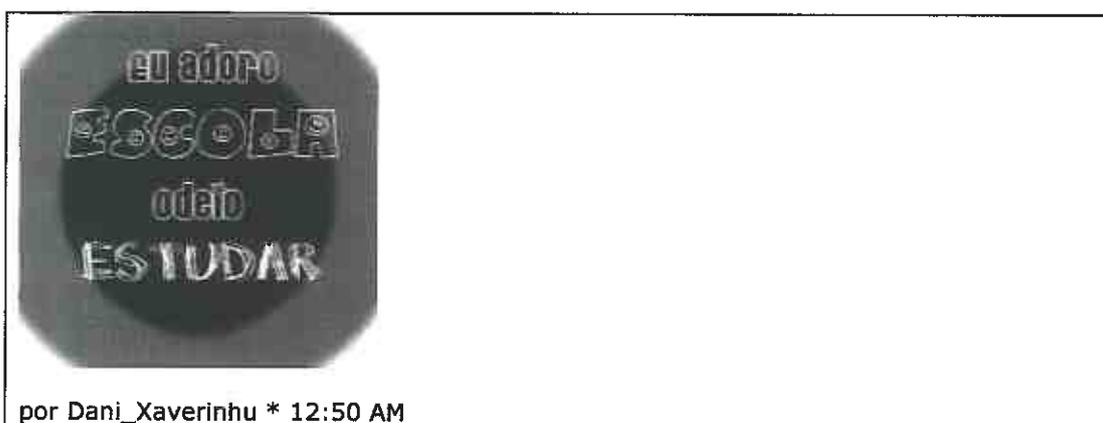
tecnologias do eu, como um conjunto de operações narrativas, são vivenciadas e constituídas na experiência social dos sujeitos.

Central às tecnologias do eu é o exercício da confissão, que se difundiu de tal forma a ponto de ser utilizado numa série de relações: entre pais e filhos, entre professores e seus alunos e alunas, entre o médico e seus pacientes, por exemplo. A idéia de confissão baseia-se num pressuposto de que os sujeitos possuem uma verdade escondida, algum segredo que precisam revelar a si mesmo e aos outros, instrumento pelo qual se produz a verdade na justiça, na medicina, na educação. Em qualquer dos casos, o voltar-se para si mesmo está balizado por um vocabulário no qual se expressam sentimentos, desejos, valores, e por um código explanatório proveniente de alguma fonte de autoridade.

Larrosa (1994) considera como dimensões fundamentais, nas quais se medeia e se produz a experiência de si, as cinco que se seguem: dimensões ótica, discursiva, jurídica, narrativa e prática. Ao recorrer às dimensões propostas por Larrosa, e entendendo que elas não são distintas em seus modos de operar, vai-se tentando, a partir de agora, através da análise de alguns blogs dos alunos do Colégio Apollo/Sorocaba, como elas se colocam, dando atenção aos procedimentos em que os sujeitos elaboram as relações consigo mesmos e aquelas que dizem respeito às operações que visam que os sujeitos transformem os seus modos de ser – praticando-se a se constituírem como sujeitos morais. (BUJES, 2003)

A dimensão ótica pode ser condensada na expressão ver-se, ou seja, “ver a nós mesmos”. No caso, o arsenal pedagógico é bastante rico em instrumentos que

têm por finalidade afinar as operações para tornar visíveis os sujeitos e os processos na instituição escolar: a auto-observação, a auto-avaliação, os registros, as produções escritas, os desenhos, as rodas de conversa, entre outros. Aqui, o aluno, que é vigiado nas práticas disciplinares, agora agrega a esta experiência o exercício da autovigilância para ir se adequando, não apenas ao que há para ver em si mesmo, mas ao que é preciso reformular para se ajustar ao que é esperado. É o que se apresenta nos blogs de dani_xaverinhu, de amanda e de grarockeira:



http://www.ingrid_gil.blogger.com.br/



OI TURMINHA SEJAM

*****COMEÇARAM AS AULAS PUTA SAUDADI DE VCS AI TURMINHA TO ADORANDO A VOLTA AS AULAS , POIS TENHU QUE APROVEITAR MEU ÚLTIMO ANO DE COLÉGIO NÉ , VAMOS TODOS NOS SE SEPARAR BOM ONTI TIREI UM FOTINHU LÁ NA ESCOLA SAIU FOSCA MAS DA PRA VER UM POCO**

*******AMANDINHA E EU NO PÁTIO ***** BJS PRA VC**

AMANDA

De grarockeira:

*Na escola cheguei já pra entrar na segunda aula neh... Comprei um pavê de chocolate que parecia lindo... nossa que horror parecia q tava a sei lá tava horrível. [...] e na escola só papeando... fomos no laboratório... q nojo... [...] E na escola... entreguei meu trabalho... tirei nove... nem sei como consegui falar daquele jeito em público. Heheh. E sexta... to morgando só estudando pra o trabaio pra nota de física arg@!!!
Hj tem feira... de Math... que ódio. Ngm merece acordar 8hrs pra ir pra escola no sábado neh?... meu que saco.
Foi super legal... vi mt genti bunitahhhh. Heheh.*

O dispositivo de confissão, ligado à dimensão ótica, é um ritual no qual os sujeitos são postos em confronto consigo mesmo ao mesmo tempo em que se expõem àquele que observa. Como diz Foucault (1997, p. 61):

A confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado: é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; [...] um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas conseqüências externas, produz em quem as articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação.

Nos blogs, as técnicas auto-reflexivas extrapolam o campo de atividades puramente introspectivas; elas se dirigem ou dizem respeito às operações que se voltam para práticas de autoconstrução e autoconstituição, que vão desde as dietas até as confissões de auto-expressão, como em carolalmeida, comoacyr e grarockeira:

De comoacyr:

- Galeera tenho q estuda... não fiz nada ainda... to ferrado nas provas... fui assisti o jogo e vôlei da seleção la em sampa com o massa mo daora....heheh. (Redigido em 13 de junho, 2004)

As experiências de autodecifrar-se agregam a dimensão narrativa à dimensão ótica e discursiva. Para Larrosa (1994), a experiência narrativa é essencial ao processo de construção da experiência de si, pois é nela que a pessoa pode ver a si mesma, pode nomear os seus traços, pode definir os limites e os contornos de sua identidade, pode distinguir-se das demais. A dimensão narrativa compreende especialmente os processos que têm a ver com a ativação da memória, com a recordação, com o armazenamento. Aquilo que lemos depende, em grande parte, das histórias em que estamos implicados temporalmente, uma experiência de reconstituição dos fatos. É de certa forma, prestar contas daquilo que ocorreu, como fazem comoacyr e grarockeira:

De comoacyr:

Nossa ontem nem fui na escola... fui no xop com As Maiz... depois fui jogar boliche... q daora. (Redigido em 05 junho, 2004).

De grarockeira:

*Baum segunda, escola dps de uma semana de folga... auhau. Encontrei o Taz e a May no turco...
Na terça... Num lembro hehehe. Na quarta fui no Maylasky encontrei a Camila, Roger, Emilio e minha cunhada Moni. Dps fui à casa dela e ficamos lá trocando idéia até 3,00 hs... Super da hora no inglês... Dps fui no GV...
Na quinta... que rolo... auhau... Meu sabe o que eh 13 alunos de 15 fora da aula de inglês... mt zuera. Sexta... Tiramos fotos com câmera digital...heheh. E hoje show do Charlie Brown e acabou os convites. Arg!!!
Fazer o que neh chorar chora... auhauahau.*

As experiências de si requerem, também, que o sujeito que reflete sobre si mesmo, ao exteriorizar sua reflexão, o faça na forma de uma autocrítica, com um critério ou padrão balizando o julgamento. Aqui está a dimensão jurídica que se estriba na lei ou na norma. O juízo implica uma decisão sobre o que é e é inseparável do ato que o diz (LARROSA, 1994). Assim, os modos de subjetivação, incitam os sujeitos a reconhecer constantemente suas obrigações morais. Tal é a

substância do julgar-se: “a aplicação a si mesmo de critérios de juízo dominantes em uma cultura” (LARROSA, 1994, p. 77), conforme aponta o blog de grarockeira:

Baum sábado até q agitado dae hj na igreja normal. Tive q tomar remédio aff fui no xopis hj vi meu primo auhau pode? Fui no mac pq eu precisava neh... oloko dps fui pro Sorocaba.... cheio de genti tudo pro cine baum sexta eh meu niver sabe 15 aninhos to emocionada vou mudar meu perfil até baum eh isso meus amigos... e meus pais por tudo que estão fazendo bjus... e eh isso.

Os processos de subjetivação através das tecnologias do eu dependem de que a pessoa se reconheça ideal e potencialmente como um certo tipo de pessoa. Segundo Rose (1998, p. 44) o governo da consciência está associado ao

[...] desconforto gerado por um julgamento normativo sobre a distância entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar e do incitamento oferecido para superar esta discrepância.

O modo pelo qual se vive a experiência de si comporta uma dimensão prática que visa o domínio do sujeito sobre si mesmo, ao ir desenvolvendo suas capacidades de raciocínio moral e ação e construindo, sozinho, seus valores e normas. Portanto, a identidade moral do sujeito e a ordem moral são constituídas através de processos que estabelecem o controle sobre procedimentos e significados. Dito de outra maneira: as relações de domínio de si sobre si ou do conhecimento de si sobre si produzem a subjetividade. Nas palavras de LARROSA (1994, p. 79):

O poder para afetar, traz à luz, fala e obriga a falar, julga. O ver, o dizer e julgar são, desse ponto de vista, parte das operações de constituição do que é afetado.

O mecanismo das tecnologias do eu, com relação ao praticar-se, se traduz por uma apropriação daquilo que o indivíduo produz nas dimensões ótica, discursiva, jurídica e narrativa, conforme emerge de grarockeira, ao fazer, em 29 de dezembro de 2004, um rol de coisas que fez durante o ano:

100 coisas que fiz em 2004

- 1- Ganhei meu cd do Blink que eu tanto queria
- 2- Mudei de escola
- 3- Fiz um msn pra mim
- 4- Fui mt no cine
- 5- Briguei com meu pai
- 6- Fiz novas amizades (Tata, Su, Ana, Dé)
- 7- Vi o filme do Bob
- 8- Tive problema com fotolog
- 9- Tive minha festa de 15 anos
- 10- Entrei no grupo de jovens
- 11- Vi minha amiga furar o nariz (Tata)
- 12- Participei de um barraco na escola
- 13- Comi mt brigadeiro
- 14- Aprendi a andar de busão
- 15- Fui no Wet'n Wild
- 16- Amei mais ainda Pânico
- 17- Engordei
- 18- Fiquei mais amigos dos meus velhos amigos
- 19- Ganhei o chinelo do Bob
- 20- Passei mal na escola
- 21- Gravei um vídeo
- 22- Apresentei mts trabalhos
- 23- Toquei mt violão
- 24- Comprei mts chaveiros
- 25- Fui mt no centro
- 26- Pinteí meu quarto de rosa
- 27- Ganhei um Bob de pelúcia
- 28- Vi de camarote o desfile
- 29- Estudei horrores
- 30- Vi o Brasil nas Olimpíadas
- 31- Entrei no Orkut
- 32- Quase quebrei meu pé
- 33- Joguei mt The Sims
- 34- Chorei uma noite inteira
- 35- Desci de tirolesa
- 36- Fiz Ed Física dps de 3 anos
- 37- Comi mt pão de queijo
- 38- Fiz uma barraca do beijo
- 39- Fiz salame de chocolate
- 40- Vi meu irmão fazer um ano de namoro
- 41- gostei de cara com namorado =(
- 42- excluí metade da minha lista de icq
- 43- Tirei mts fotos...
- 44- Fiz amizade com uma professora
- 45- Tive nojo de outro prof
- 46- Fui na formatura do Maylasky
- 47- Fiz simpáticos amigos no fotolog

- 48- Comprei um estojo peludinho roxo
- 49- Briguei na escola
- 50- Conheci a música do meu casamento
- 51- Ganhei meu all star verde
- 52- Fui taxada de clubber
- 53- Briguei com minha mãe
- 54- Comi bolo de maracujá
- 55- Não dormi de medo
- 56- Conheci "Recéns-casados"
- 57- Tive medo da Sâmara Morgan
- 58- Me arranhei de raiva
- 59- Fiquei mais amiga da minha cúmplice (monielle)
- 60- Vi a Ma de oradora da formatura
- 61- Vi minha amiga fazer 3 piercings e 1 tatoo (aninha)
- 62- Fui cupido
- 63- Tive ciúmes dos meus amigos
- 64- Escutei mt Jovem Pan
- 65- Sonhei com um ator
- 66- Falei mal de quem não gosto =x
- 67- Conheci um tio por telefone
- 68- Dei risada qnd pegaram um troxa colando
- 69- Fui na festa do Objetivo
- 70- Comprei e ganhei correio elegante
- 71- Senti mt dor
- 72- Fiz amizades na net
- 73- Passei trote
- 74- Conheci a casa das minhas amigas
- 75- Fiquei feliz por qm passou e por qm repetiu
- 76- Revi um amor
- 77- Ganhei 4 relógios de uma soh vez
- 78- Me arranhei de raiva
- 79- Me perdi no terminal
- 80- Aprendi a gostar de miojo
- 81- Fui na festa da Fatec
- 82- Vi a Tata ficar brava pela primeira vez
- 83- Quase fui atropelada
- 84- Participei de debates
- 85- Cantei na Igreja
- 86- Fui estudar física na casa da Ana e acabei soh comendo
- 87- Saí mt com Os Joselitos
- 88- Gostei de uma música romena
- 89- Fui no xou dos Titãs e Capital
- 90- Comi mt moranguinho na Cleide
- 91- Derrubei purpurina dentro da loja e tive q sair correndo
- 92- Fiz pequinique no zôo
- 93- Fui na cachaçaria
- 94- Fui na festa de Halloween do Inglês
- 95- Vi meu amigo desfilar de porta bandeira
- 96- A Moni fez um layout pra mim
- 97- Ganhei um vídeo vida
- 98- Fui no Rei do Mate soh por causa do garson
- 99- Queimei a bunda no sol e fico vermelha
- 100- Fui feliz, fazendo essa lista dia 29 de dezembro

Torna-se pertinente lembrar aqui as palavras de Rose (1998, p. 43):

As tecnologias da subjetividade existem (...) numa relação simbiótica com aquilo que poderíamos chamar de “técnicas do eu”. (...) Através da auto-inspeção, da autoproblematização, do automonitoramento e da confissão, avaliamos a nós mesmos de acordo com critérios que nos são fornecidos pelos outros. Através da auto-recuperação, da terapia, de técnicas de alteração do corpo e da remodelagem calculada da fala e da emoção, ajustamo-nos por meio de técnicas propostas pelos experts da alma. (...) A ironia é que nós acreditamos, ao transformar nossa subjetividade no princípio de nossas vidas pessoais, de nossos sistemas éticos e nossas avaliações políticas que estamos livremente escolhendo a nossa liberdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julio Cortázar, em “O jogo da amarelinha” (1999), apresenta uma proposta com duas seqüências de leitura da obra que nos revela “os livros que habitam dentro do livro”. Esse livro pode ser lido em uma ordem seqüencial clássica, isto é, da primeira página em diante, ou pode ser jogado de acordo com outras lógicas não seqüenciais. No livro-jogo de Cortázar, procede-se à leitura de acordo com a indicação dos números entre parênteses que aparecem no final de cada capítulo. Assim, o mestre argentino nos conduz por caminhos alternativos e nos revela outras histórias que habitam o mesmo sistema narrativo.

No caminho de Cortázar, esta dissertação de mestrado, fruto de uma inquietação provinda do fato de sermos professora de informática para alunos do ensino médio, trabalhou na confluência de tendências contemporâneas. Por um lado, a crescente ênfase biográfica que permeia o mundo ocidental (com sua voracidade pelas confissões e por tudo que remete a “vidas reais”) e, paralelamente o nascimento da intimidade com a separação entre os âmbitos público e privado da existência. É através da escrita de diários pessoais publicados na Internet, uma modalidade de escrita íntima ou de narração auto-referente, os blogs, que adentramos de maneira paradoxal num espaço privado através de um espaço público.

Concomitantemente, através desse mergulho no introspectivo de relatos auto-referenciais de alunos em computadores, domésticos ou não, chegamos a duas ordens de preocupações presentes no mundo contemporâneo – autodecifração e

autotransformação enquanto técnicas do eu, que vão constituir as práticas que incitam os sujeitos tanto a conhecerem a verdade sobre si mesmos quanto a agirem como sujeitos morais na sociedade. E que as técnicas do eu são construídas na instituição escolar e dirigidas para produzir sujeitos, moldando, guiando ou afetando a conduta dos alunos de maneira que eles se tornem pessoas de um certo tipo, atendendo assim um projeto de governo das populações. Logo, ao fazer a conexão entre o indivíduo e a sociedade, a educação institucionalizada se constitui na estratégia privilegiada de disciplinamento das populações, tendo em vista que todo projeto educacional moderno é um projeto civilizador.

Detalhando: o processo de disciplinamento, operado amplamente pela escola, se dá através de processos múltiplos, que Foucault (1995) chamou de grandes funções disciplinares – estratégias de utilização do tempo, do espaço e do corpo e grandes instrumentos disciplinares – a vigilância, a sanção normalizadora e o exame, tendo como finalidade máxima fixar os sujeitos a um aparelho de normalização dos homens. Ao mesmo tempo, na escola tem origem um eu inventado referido a formas de autoconsciência e de autocompreensão e do que sujeitos lançam mão para poder viver como membros de uma cultura. Às técnicas disciplinares que devem produzir corpos dóceis e mudos ficam acrescentadas as tecnologias do sujeito e da subjetividade – as tecnologias do eu, formas de relação reflexiva do educando consigo mesmo.

Tomando como referência alguns blogs de alunos este é o momento de afirmar como formulação exemplar do que até aqui foi discutido: as técnicas disciplinares são eminentemente individualizantes para potencializar os efeitos do

poder; as tecnologias do eu, por sua vez, têm um alcance prático maior porque são movidas por uma lógica reguladora da conduta individual. As primeiras, efetivam-se especificamente na escola e as segundas na exibição pública do seu eu, após um paulatino domínio do sujeito sobre si mesmo, construídas no caso em estudo, no espaço doméstico, via ciberespaço, na cibercultura. Vigiar e punir no governo escolar, vigiar-se e punir-se no governo da vida social. Através da análise das orquestrações discursivas em diários íntimos na Internet, pretendemos ter indicado como operam racionalidades pedagógicas envolvidas em gerar e pôr em ação na sociedade um regime de práticas comprometidas com o poder. Damos, assim, por encerrado este trabalho acadêmico, convidando os leitores para um jogo de amarelinha.

REFERÊNCIAS

- A ANNE FRANK DE BAGDÁ. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 dez. 2003. Caderno Ilustrada, p. E9
- CARVALHO, Rosa Meire. Diário íntimo na era digital: diário público, mundos privados. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos. **Janel@s do Ciberespaço: Comunicação e Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001. p. 234-254.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Notas do subterrâneo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995.
_____. A vontade de saber. In _____. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v.1.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- KERCKOVE, Derick. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do "eu" e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-84.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
-

LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. **De onda em onda: a evolução dos ciberdrários e a simplificação das interfaces**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel de Cunha. Hipertexto corporativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 54-65, 2003.

RIBEIRO, José Carlos S. Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço. In LEMOS André; PALÁCIOS, Marcos. **Janel@s do Ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 73-82, 2003.

ROSE, Nickolas. Governando a alma: a formação do “eu” privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TRIVINHO, Eugênio. Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror dromocrático. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 57-89.

Blogs dos alunos. Disponíveis em <http://www.carolalmeida.blogger.com.br>;
<http://www.comoacyr.blogger.com.br>; http://www.dani_xaverinhu.blogger.com.br;
http://www.ingrid_gil.blogger.com.br; <http://www.grarockeira.blogger.com.br>.